

ATA DA 008ª SESSÃO ESPECIAL DA
1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 18ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 28 DE ABRIL DE 2015, EM
COMEMORAÇÃO AOS 30 ANOS DO MOVIMENTO DOS
TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA EM SANTA CATARINA
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO GELSON MERISIO

O SR. PRESIDENTE (Deputado Gelson Merisio) -
Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a
presente sessão especial.

Convido para compor a mesa as excelentíssimas
autoridades que serão nominadas a seguir:

Excelentíssimo senhor deputado Padre Pedro
Baldissera, proponente da presente sessão;

Excelentíssimo senhor deputado estadual Dirceu
Dresch;

Excelentíssimo desembargador Lédio Rosa de
Andrade, neste ato representando o excelentíssimo
senhor presidente do Tribunal de Justiça de Santa
Catarina, desembargador Nelson Schaefer Martins;

Senhor Vilson Santin, integrante da direção
estadual e nacional do Movimento dos Trabalhadores
Rurais Sem Terra - MST -, e conterrâneo da nossa
Xanxerê;

Senhor Valmor Schiochet, secretário nacional
de Economia Solidária;

Senhor José dos Santos, superintendente
estadual do Incra.

Excelentíssimas autoridades, senhoras e
senhores, a presente sessão em comemoração aos 30
anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem
Terra - MST - em Santa Catarina, foi convocada por
solicitação da bancada do Partido dos
Trabalhadores - PT - e aprovada por unanimidade
pelos demais parlamentares.

Neste momento, teremos a interpretação do Hino
Nacional pelo coral da Assembleia Legislativa, sob
a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à interpretação do hino.)

Registramos a presença das seguintes
autoridades:

Senhor Francisco Silvi, o Chico, vereador do município de São José;

Senhor Neodi Giachini, presidente estadual da CUT;

Senhor Rui da Luz, assessor parlamentar, neste ato representando o excelentíssimo senhor deputado federal Pedro Uczai;

Senhor Odair Rogério, presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil;

Senhor Genilson Teixeira, presidente do Sintaema;

Senhora Ivanete Mânica, representante da Marcha Mundial de Mulheres;

Senhor Cristian dos Reis, coordenador do mandato, neste ato representando a excelentíssima senhora deputada estadual Luciane Carminatti;

Senhor Renné Marcos Munaro, organizador estadual do Diálogo e Ação Petista;

Senhora Ana Julia Rodrigues, representante do Sindicato dos Trabalhadores em Educação na rede pública de ensino do estado de Santa Catarina;

Senhora Schirlei Azevedo, representante do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Urbanas de Santa Catarina.

É tradição desta Casa que a sessão seja presidida pelo deputado proponente da sessão. Como se trata da bancada do Partido dos Trabalhadores, o deputado Padre Pedro Baldissera, que é secretário desta Casa, presidirá a presente sessão.

Fiz questão, no entanto, de fazer esta abertura, como sinal do mais profundo respeito que tenho por todos, especialmente à pessoa de Vilson Santin, que é um amigo de longa data. Reconheço o grande trabalho que prestou por Santa Catarina, pelas pessoas mais desassistidas. E continua uma trajetória que eu vi iniciar há mais de 30 anos.

Por isso, fiz questão de fazer esta breve abertura para, depois, passar a Presidência ao deputado Padre Pedro Baldissera, que irá conduzir a presente sessão.

Antes quis fazer esse registro de vida de um grande brasileiro, que é Vilson Santin, que, junto comigo, iniciou a sua trajetória em Xanxerê, ainda

em 1982, e continua todo esse tempo com a mesma genuidade e o mesmo empenho, lutando pelo que acredita e pela causa dos sem-terra.

Por isso, fiz questão de estar aqui para registrar e também fazer com que a sessão tenha o bom curso, agora sob a Presidência do deputado Padre Pedro Baldissera, que é secretário desta Casa.

Boa-noite a todos!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Boa-noite a cada um e a cada uma!

Dando continuidade à sessão desta noite proposta pela bancada do Partido dos Trabalhadores, convidamos todos para assistirem à encenação da Mística dos 30 Anos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra em Santa Catarina.

(Procede-se a encenação da mística.)

Esta Presidência registra a presença do sr. José Fritsch, um dos fundadores do MST e ex-ministro da Pesca.

Peço que o deputado Dirceu Dresch assuma a Presidência dos trabalhos para que possa fazer a minha manifestação na tribuna.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dirceu Dresch) - Com a palavra o sr. deputado Padre Pedro Baldissera.

O SR. DEPUTADO PADRE PEDRO BALDISSERA - Excelentíssimo sr. deputado Dirceu Dresch; excelentíssimo sr. desembargador Lédio Rosa de Andrade, neste ato representando o excelentíssimo sr. presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, desembargador Nelson Schaefer Martins; excelentíssimo sr. José dos Santos, superintendente estadual do Incra; excelentíssimo sr. Valmor Schiochet, secretário nacional de Economia Solidária.

Quero saudar, carinhosamente, o integrante da direção estadual e nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Vilson Santin, e em seu nome saudar todos os integrantes do Movimento, homens, mulheres, crianças, jovens; os educadores e as educadoras que também se encontram aqui presentes; as demais autoridades já citadas;

as pessoas que nos acompanham através da TVAL e da Rádio Alesc Digital, as senhoras e os senhores.

(Passa a ler.)

"A jornada de luta do MST não é somente uma luta por reforma agrária, mas uma luta por respeito à vida. Nesses 30 anos do Movimento em Santa Catarina, o que se sobressaia é o trabalho diário por vida digna, por justiça social no campo e na cidade e por uma educação libertadora. Não é somente ter onde plantar e colher, é lutar para que todos e todas tenham onde viver, plantar e colher.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é um dos mais importantes movimentos sociais do Brasil e da América Latina. E a sua importância vai além da reforma agrária, porque mostra em seu cerne uma estruturação que valoriza a autonomia do nosso povo como protagonista de seu futuro. No Brasil, ao longo de décadas, esses homens e mulheres tiveram os seus direitos mais básicos negados. Isso não impediu, no entanto, que da injustiça brotasse a indignação, e da indignação brotasse a ação emancipadora.

Historicamente, o nosso país vive a desigualdade do acesso à terra, que é o resultado prático de uma sociedade patrimonialista e patriarcal que ao longo de seus séculos sustentou os latifúndios de poucos às custas do suor e do sangue de milhares de trabalhadores e trabalhadoras.

O MST é o resultado da luta contra o atraso por parte de um povo que não foge de suas responsabilidades. A ocupação de terras, um instrumento contra a concentração fundiária e o estado que a protege, foi a forma encontrada pelo MST de impor aos governos a realização de uma política de assentamentos mínima. E que bons resultados trouxeram esses assentamentos para os municípios onde se estabeleceram. Trouxeram mais alimentos na mesa dos catarinenses e brasileiros, experiências incríveis nas áreas da cultura, pesquisa e produção. Criaram um sistema de educação emancipatória, cujas escolas são modelos de educação. E, o que é mais importante, escolas

que formam cidadãos e cidadãs com consciência do papel que têm na sociedade e que sabem que devem agir para mudar o presente e o futuro, sem esperar por assistencialismo, mas cobrando do estado um tratamento digno e igualitário.

Dos anos 70 até hoje, o MST está presente em todo país, com iniciativas como a Cooperoeste, por exemplo, a fabricante da marca Terra Viva, entre dezenas de outras cooperativas, agroindústrias e associações de produtores. O resultado prático das ocupações, e dos posteriores assentamentos, é comida na mesa na cidade, muitas vezes lutando contra a falta de apoio e de infraestrutura básica.

Dados da pesquisa de avaliação da qualidade dos assentamentos da reforma agrária, promovida pelo Incra, em 2010, mostram estes problemas: 31,04% dos assentamentos possuem disponibilidade de energia, mas com quedas constantes, e 22,39% não possuem energia elétrica. Ou seja, quase 50% não contam com acesso à energia elétrica. Além disso, enfrentam estradas precárias e dificuldades logísticas. E muitas vezes não bem compreendidas pelos poderes locais, estaduais e nacional.

A redução da desigualdade e da miséria passa pela capacidade da sociedade ouvir o MST e do estado abrir canais de diálogo. O MST é formado por homens, mulheres, crianças e jovens que todos os dias mostram, na prática, que o interesse primordial é trabalhar por um país melhor, que respeite o seu povo, o seu meio ambiente e que garanta condições de vida digna. A criminalização e o preconceito contra o MST não tem razão para existir, e é isso que mostram esses 30 anos de história.

Ao MST, o nosso reconhecimento por todas as suas lutas em favor dos trabalhadores e trabalhadoras. E que a cada dia consigamos testemunhar à sociedade tudo de positivo que o MST representa não somente por sua luta, mas por incorporar lutas que interessam a todos brasileiros e brasileiras.”

Parabéns, MST, pelos 30 anos de história, de luta, de conquistas, e por testemunhar a toda sociedade que vale a pena se organizar.

Parabéns e muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Dirceu Dresch) - Agradeço, deputado Padre Pedro Baldissera, e passo a Presidência da sessão a v.exa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Neste momento, concedo a palavra ao meu colega, deputado Dirceu Dresch.

O SR. DEPUTADO DIRCEU DRESCH - Boa-noite!

Quero saudar todos os trabalhadores e as trabalhadoras sem terra, ou já com terras, assentados através da luta; as pessoas que nos acompanham pela TVAL e pela Rádio Alesc Digital; o meu colega deputado Padre Pedro Baldissera, que preside esta sessão; o ex-deputado Vilson Santin, companheiro de longa caminhada que já ocupou muitas vezes esta tribuna; o sr. José dos Santos, do Incra; o membro do Tribunal de Justiça, representando o nosso presidente do Tribunal; e o nosso companheiro Valmor Schiochet, da Economia Solidária, que tem feito tantos debates pelo Brasil afora.

Eu não me preparei para falar, mas não posso deixar, em breves palavras, de dar um recado a todos vocês, dizendo do meu reconhecimento pela história bonita. Eu a acompanhei de perto, porque, antes da fundação do MST, já atuava junto nas Pastorais da Juventude, na Comissão Pastoral da Terra. Não cheguei a ir para a ocupação, mas ajudei muitas pessoas a levar os barracos e comida para quem ia para os assentamentos no nosso município de Saudades. E muita gente saiu de lá e está espalhada, hoje, por este estado afora, inclusive muitos ajudando nos acampamentos, nas cooperativas e nas organizações.

Então, parabéns pela história e caminhada! Foram 30 anos difíceis, com vários enfrentamentos, como o de Palma Sola. E lembro muito bem que tombou um companheiro de Pinhalzinho naquele enfrentamento, além de tantos outros que tombaram

na luta, na história e na caminhada que vocês construíram com o apoio de tantas entidades que estão aqui hoje à noite: organizações, lideranças, movimentos.

Vocês, que constroem junto a Via Campesina, em muitos momentos têm feito grandes lutas e contribuído muito com a democratização do país e da terra, este bem tão importante para o agricultor. Quando não se tem terra, não se tem vida, dignidade e retorno para casa, porque não se tem aonde ir. A terra traz segurança, respeito e dignidade ao agricultor. Ela também fornece essa coisa bonita que vocês trouxeram, que são os alimentos. Essa é uma das profissões mais dignas! Eu sempre falo que as pessoas poderiam viver sem tantas outras coisas, mas sem alimento ninguém vive. Essa profissão é pouco valorizada no país e no mundo, e a partir do momento em que o alimento se torna uma grande mercadoria, muitas pessoas passam fome, mas não por falta de alimento, e sim porque o alimento está nas mãos de poucos.

Então, temos muito ainda pela frente. Neste momento, estamos vivendo um grande debate sobre o futuro do Brasil, o futuro da nossa terra e também o futuro dos nossos recursos naturais, como água, minérios e petróleo - e o grande debate do momento no nosso país é para quem ficará esta riqueza natural que a nossa mãe natureza nos deu neste querido Brasil.

Com certeza, nesta caminhada, vocês constroem a luta não somente pela terra, mas para a construção de um país de todos os brasileiros, um país que não olhe mais para as suas crianças passando fome e miséria, mas um país que traga dignidade para o seu povo.

Vocês têm contribuído muito com esse processo. Continuem, nos próximos 30 anos, cada vez mais ousados e com esse processo de construir a transformação passo a passo deste nosso querido Brasil.

Um grande abraço e parabéns a todos! Neste espaço, o Parlamento catarinense precisa discutir muito esse tema do futuro da terra e da agricultura, dos pequenos agricultores familiares

e dos trabalhadores - e estamos agora debatendo o tema da terceirização.

Estamos com os professores acampados nesta Casa, porque estão em greve. A minha saudação a todos que estão nessa caminhada! Com certeza, estamos também torcendo por vocês!

Um grande abraço e muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Muito obrigado, deputado Dirceu Dresch.

Esta Presidência registra também a presença do vereador desta capital, professor Lino Peres.

Seja bem-vindo!

Convidamos para fazer uso da palavra o excelentíssimo sr. desembargador Lédio Rosa de Andrade, que neste ato representa o excelentíssimo sr. presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, Nelson Schaefer Martins.

O SR. LÉDIO ROSA DE ANDRADE - Excelentíssimo sr. presidente, deputado Padre Pedro Baldissera, e em seu nome saúdo todos os integrantes da mesa. Saúdo, de maneira especial, os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que aqui estão.

Eu confesso que, quando muito gentilmente fui informado, de surpresa, que a Presidência dos trabalhos me facultaria a palavra, o meu coração acelerou. Acho até que dá para notar que estou lutando aqui para equilibrar a minha respiração. E se isso ocorreu, foi porque eu sei que nos corredores dos fóruns, dos tribunais e dos palácios de Justiça, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra normalmente é muito maltratado. Eu sei que são raríssimos os juízes deste país que não olham para o Movimento como uma quadrilha de bandidos. Eu sei que a ideologia jurídica conservadora deste país entende, na sua grande maioria - e felizmente há exceções -, que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é um movimento contra a lei. Eu sei disso.

Por isso, se neste momento atirassem-me pedras, eu saberia compreender, porque em nome da

Justiça, a injustiça vem-se consolidando neste país há muitos anos.

(Palmas)

Porque se fosse a obediência cega à lei estabelecida num determinado contexto histórico a forma de se fazer democracia, os senhores não duvidem de que nós teríamos escravidão até hoje. Se não fossem as pessoas naquela época tratadas como bandidos, perseguidas como bandidos, encarceradas como bandidos, até hoje nós teríamos escravidão neste país.

Se hoje Tiradentes é um herói nacional, naquela época ele era um bandido e foi condenado à morte por um colega meu, que deu uma sentença que foi executada. E ele foi morto e esquartejado porque lutava contra a lei estabelecida que perpetuava uma das piores injustiças que a humanidade já fez: a escravidão. Aquela luta terminou bem, em parte, porque existe muita escravidão de fato. Existem muitas situações ainda inaceitáveis. E o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra luta por uma dessas condições, e que é o mínimo, mesmo num país capitalista, que se pode ter, que é a dignidade para ter terra para trabalhar. Ou ter um trabalho para sustentar os seus filhos e a sua família.

Dentro do Poder Judiciário, quando se diz que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é contra a lei, eu sempre pergunto: de que lei estão falando? Contra qual lei? E a resposta costuma ser uma: a propriedade privada, que é a pérola, a base, o fundamento da sociedade burguesa capitalista. Sem dúvida, mas a nossa própria Constituição, que é a nossa Lei Maior e que nós, juristas, com palavras bonitas, chamamos de Carta Magna, realmente estabelece a propriedade privada como um dos fundamentos da República Federativa do Brasil no seu art. 5º. Mas no mesmo art. 5º ela estabelece que a propriedade privada tem que ter a sua função social. Ou seja, no ordenamento jurídico brasileiro, a propriedade privada é um direito subordinado, pela própria Constituição, a sua função social.

Mas nesse mesmo art. 5º existe o direito à dignidade de vida, ao trabalho, à educação e a "n" outros direitos que não são subordinados a nada, que são direitos em si e, lamentavelmente, por uma ideologia jurídica absolutamente conservadora, esses direitos são todos literalmente jogados no lixo.

Poucos veem a luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra como uma luta de conflitos de direitos. Está certo que de um lado há o direito de propriedade privada, mas também está certo que do outro lado existe um rol de direitos, que inicia com a dignidade de vida, que compete com a propriedade privada, mas que na Justiça normalmente perde, porque a propriedade privada é regida na sacrossanta posição que vale acima de tudo e de todos.

E é isto que, a meu ver, é o mais importante do Movimento: mostrar ao Brasil que, se queremos construir uma efetiva democracia, precisamos avançar. Não é somente com palavras que se faz uma democracia, é com materialização de direitos. E direito material é aquele que está sobre a mesa e faz com que as crianças possam ir para a escola, ter um médico e tudo que necessitam para viver com dignidade.

Eu termino dizendo que vocês me causam orgulho!

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Muito obrigado, desembargador Lédio Rosa de Andrade.

O superintendente estadual do Incra, José dos Santos, e o secretário nacional da Economia Solidária, Valmor Schiochet, abdicam de fazer as suas manifestações.

Esta Presidência também registra a presença do ex-superintendente do Incra de Santa Catarina, sr. João Paulo Strapazon.

Neste momento, convido a mestre-de-cerimônias, Nicole Madeira, para proceder à nominata dos homenageados desta noite.

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Nicole Madeira) -
Senhoras e senhores, boa-noite!

O Poder Legislativo catarinense, em sessão especial, presta uma homenagem ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST -, em Santa Catarina, pela passagem dos 30 anos de fundação.

O MST contribui para o fortalecimento das lutas e conquistas em prol dos trabalhadores rurais em suas reivindicações, e a garantia da reforma agrária, alimentação saudável, trabalho, renda e educação de qualidade para os assentados e as suas comunidades, na busca por uma sociedade mais justa e democrática.

Convido o excelentíssimo sr. deputado Padre Pedro Baldissera para, juntamente com o deputado Dirceu Dresch, fazer a entrega da homenagem.

Convido para receber a homenagem o sr. Vilson Santin, neste ato representando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Santa Catarina.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Esta sessão especial está sendo transmitida ao vivo pela TVAL e pela Rádio Alesc Digital para todo o estado, menos para a capital.

Ao longo desta semana, esta sessão será reprisada na programação da TVAL.

Agradeço aos srs. deputados.

Dando continuidade, teremos a apresentação de um vídeo institucional.

Muito obrigada a todos e boa-noite!

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Convido, neste momento, para fazer uso da palavra em nome do homenageado, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o nosso companheiro, amigo, ex-deputado estadual e coordenador estadual e nacional do MST, sr. Vilson Santin.

O SR. VILSON SANTIN - Boa-noite às companheiras e aos companheiros, especialmente aos companheiros do nosso Movimento, da nossa Organização.

Quero cumprimentar também todos os integrantes da mesa e agradecer à bancada do Partido dos Trabalhadores por esta importante iniciativa. E saúdo os dois deputados presentes: Dirceu Dresch e Padre Pedro Baldissera.

Quero dizer uma palavra carinhosa e com muito afeto ao desembargador, dr. Lédio Rosa de Andrade. Muito obrigado pelas palavras que o senhor pronunciou, porque elas nos deram nesta Casa Legislativa, em poucos minutos, uma grande aula. O deputado Dirceu Dresch cochichou no meu ouvido que o senhor foi corajoso. Eu peço a este homem e a todos que na Justiça haja essa visão, essa coragem e esse compromisso.

Por isso, eu peço uma calorosa salva de palmas.

(Palmas)

Não é em qualquer momento, nesta Casa, nesses 30 anos, que recebemos esta homenagem, que não é pouca coisa, companheiros e companheiras!

De parte do nosso Movimento, também queremos reconhecer, valorizar e prestar o apoio solidário, firme e decidido à luta dos professores de Santa Catarina, que estão aqui, mais uma vez, ocupando a Assembleia Legislativa. Em nome do nosso Movimento, eu desejo força e coragem! Contem conosco! E para esta grande luta, eu também peço uma calorosa salva de palmas.

(Palmas)

Não é fácil ser professor e professora da rede pública estadual, e não somente em Santa Catarina, mas em todo Brasil. Vocês sabem do que estamos falando, e recebam o nosso apoio, a nossa solidariedade. Todos os integrantes do movimento sindical sabem muito bem que nunca falhamos, que sempre que fomos convidados ou chamados nas greves, nas lutas de outras categorias, este Movimento nunca se furtou, nunca arriou a bandeira, nunca disse não. Mesmo com dificuldades, com sacrifício, enfrentando várias adversidades, nós nunca nos negamos. E nós jamais nos negaremos a estar junto na luta da classe trabalhadora, porque somos parte dela! Não somos seres de outro planeta! Somos parte da classe explorada, da

classe injustiçada, da classe produtora de todas as riquezas históricas deste país! Porque nós, trabalhadores do campo e das cidades, somos os verdadeiros produtores de todas as riquezas. E somos também aquela parte da sociedade mais explorada, discriminada e injustiçada historicamente.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se orgulha desses 30 anos no nosso estado. É claro, José Fritsch, amigos, amigas, companheiros e companheiras, que nessas horas passa um filme na nossa cabeça. É claro que reconhecemos e sabemos dos nossos desafios; que temos problemas e fragilidades, porque, afinal de contas, o MST, como já disse anteriormente, não é um ser de outro planeta. Nós fazemos parte dessa sociedade desigual, injusta, autoritária, capitalista, em que o que vale são os bens que a pessoa tem, o quanto ela tem, e não o que ela é.

Nós sabemos que temos desafios nas nossas áreas, nos nossos assentamentos, nos nossos acampamentos, autoridades presentes, companheiros e companheiras. Mas nós, diuturnamente - e a nossa militância sabe do que estou falando -, sempre estamos preocupados em superar e enfrentar os desafios. E a superação depende do nosso esforço, do nosso estudo, do nosso empenho, da nossa capacidade de superar cada vez mais. Outros são fatores externos, que não dependem somente do Movimento nem de o Movimento sozinho resolver a causa da reforma agrária e da transformação social.

Por isso que nós nos orgulhamos de fazer parte dessa classe de trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade das várias categorias. E sempre estamos juntos nessa luta.

O Ênio e a Jô trouxeram essa cesta de alimentos e essa peneira que foram preparadas lá em casa por mim e pela minha companheira, Jô.

Em 1995, uma pessoa da imprensa do nosso estado, e que não vou citar o nome, escreveu que fui candidato à reeleição e que não fui reeleito. Ele disse: "Esse Santin certamente agora vai voltar para a roça". E fez algumas críticas

infundadas, dizendo que eu voltaria para o cabo da enxada. Queremos lhe dizer, onde ele estiver, que todos temos o maior orgulho de ser agricultores, de ser da roça!

(Palmas)

Temos orgulho e não temos vergonha disso! Temos orgulho, honra e dignidade! E aí está o resultado do amor pela terra: essa peneira e cesta de alimentos. Elas estão aí para quem quiser ver.

A sociedade deveria enaltecer esse trabalho e erguer monumentos, estátuas, para os camponeses deste país, ao invés de tratá-los com preconceito, racismo e todas as formas de discriminação! Porque somos nós, apesar das adversidades de todo o tipo, os pequenos e médios agricultores deste país, que produzimos 80% do alimento da nação brasileira! Como diz o João Pedro, podem aplaudir!

(Palmas)

Eu vou citar o que os trabalhadores que trabalham para eles produzem: as *commodities*, ou seja, a matéria-prima para exportação, mercadorias, somente com o objetivo do lucro, que é a soja que está tomando conta do Brasil! As nossas melhores terras estão sendo tomadas pela monocultura da soja, inclusive o centro-oeste, o norte, a região amazônica. Por que há falta de água? Por que há seca? Por que há crise hídrica? Agora inventaram um nome bonito: crise hídrica.

Nós estamos há 20 anos denunciando essas monoculturas: eucalipto, pinus, soja, cana-de-açúcar. E o gado, no Mato Grosso do Sul, já diminuiu. Aliás, lá havia mais gado do que gente, e agora o que há é mais soja, pois nem boi eles estão mais criando. São essas matérias-primas que vão para lá sem o mínimo de processamento. Não agregam valor em nada. Nós voltamos ao tempo da escravidão, ao tempo do Brasil colônia, que era uma plataforma agroexportadora.

Quem, na prática, preocupa-se com segurança alimentar, soberania alimentar para o nosso povo, alimentos saudáveis? Quem é que se preocupa com aquilo que vai para a mesa do povo brasileiro? Quem é que tem debatido nos fóruns, e em nível internacional, inclusive? Somos nós, os

camponeses, os pequenos agricultores! E aí incluo os assentados da reforma agrária! É verdade ou não é? Podem aplaudir, porque hoje o dia é nosso!

(Palmas)

Essa cesta de alimentos e essa peneira que tomei emprestada da minha comadre, ontem, e que prometi levá-la de volta, foram preparadas com muito carinho, como é do meu costume. Não me envergonho de dizer que em todas as jornadas de lutas, em todos os congressos, em todas as atividades, eu tenho esse amor e essa preocupação. A minha companheira e os que me conhecem sabem que preparo a cesta de alimentos para levar para a jornada de luta e doá-la para os amigos. E quem vai à minha casa sabe como é recebido e tratado.

Nós nos orgulhamos disso, pois é uma coisa bonita, é a simbologia, e a nossa mística que está dentro de nós. A mística, o amor à terra, o amor à natureza e o amor às pessoas estão dentro de nós, apesar das adversidades, dos problemas e dos grandes desafios que, historicamente, enfrentamos, e atualmente ainda estamos enfrentando. Porque a reforma agrária, como foi dito, ainda não foi realizada no Brasil, assim como as outras reformas populares. O estado brasileiro está devendo.

Imaginem essa concentração da terra e dos recursos. E agora uma das estratégias do grande capital é esfolar os trabalhadores, superexplorar a classe trabalhadora para extrair a mais valia para terem mais lucros e tentar rebaixar direitos, como fará esse PL n. 4330, que agora eles têm vergonha e medo de dizer.

(Palmas)

Aquele presidente da Câmara virou o desengavetador de coisa ruim. Ele está tirando as coisas que não prestam, que estavam paradas lá, e ainda se arvora de ser o grande brasileiro.

Diminuir a maioria penal?! Imaginem - e vou fugir um pouco do assunto - que hipocrisia, cinismo, banditismo dessa burguesia brasileira! Que falta de alma, de sentimento, de humanidade e de coração dessa gente colocar os adolescentes, quase crianças, junto com bandidos, com aqueles que já fizeram pós-doutorado nessas prisões que

não recuperam ninguém! A pessoa entra lá por ser um "ladrão de galinha", entre aspas, e sai de lá escolado.

Agora alguém pode perguntar: "O que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem a ver com isso"? Tem tudo a ver. Somos contra essa hipocrisia e esse cinismo! Querem colocar essa juventude, meninos e meninas, na prisão, nesse Sistema Penitenciário Brasileiro?! Gente, não precisa ser muito inteligente e forçar muito a memória, como diz o caboclo na nossa região, para saber o que vai acontecer com eles.

Então, agora denunciemos esse modelo e reivindicamos reforma política, sim, porque somos brasileiros, cidadãos trabalhadores e trabalhadoras, temos título de eleitor e carteira de identidade! Ajudamos o Brasil a recuperar a democracia no limite ainda que ela é restrita, e sabemos disso, mas ainda assim temos que defendê-la e, inclusive, a institucionalidade que aí está, e que alguns querem colocar abaixo, que descobriram o Brasil agora! Vejam que há pessoas que agora é que descobriram o Brasil! Agora é que eles descobriram que há problema social! Agora é que descobriram que existe pobreza e corrupção. Nos 500 anos antes eles não viram nada disso! O meu repúdio para essa gente, pois não nos enganam!

Esse movimento tem visão política, ideologia, princípios, valores, postura, ética e dignidade. E nós o construímos e o defendemos a duras penas nesses 30 anos.

Minha gente, são tantas coisas que poderíamos citar aqui do que já edificamos neste Brasil e neste estado. As meninas que aqui estão: a Daniela, que é advogada com a carta da OAB assentada lá em Dionísio Cerqueira; a Fabíola, que fazendo está fazendo faculdade; a Paola, que está fazendo mestrado, são das nossas fileiras. São milhares e milhares de meninos e meninas, jovens trabalhadores sem terra, filhos de acampados, filhos de assentados que jamais teriam a oportunidade de fazer uma faculdade, se não fizessem parte das fileiras do MST. Eles jamais teriam uma chance! Nem perto de uma faculdade

passariam! Meu filho é um deles e está cursando Direito.

(Palmas)

E assim nós vamos indo. São agrônomos, veterinários, médicos, professores e professoras! Temos pessoas formadas em todas as disciplinas, dando aula, fazendo doutorado, trabalhando e retribuindo, com o seu conhecimento, para o Movimento e para a sociedade, com dignidade, ética, honestidade e o coração livre.

São tantas emoções! Há as cooperativas, as escolas e o dia 25 de maio. Somente para registrar, quero dizer que fizemos a primeira ocupação de latifúndio no dia 25 de maio de 1985, em Abelardo Luz, com 1.500 famílias, e em São Miguel d'Oeste com 500 famílias. Atualmente são 1.500, 1.600 famílias assentadas. Eu desafio qualquer político para ir a Abelardo Luz fazer uma pesquisa. Mas não para ir aos assentamentos, e sim no comércio de Abelardo Luz para ver quantos defendem e quantos são contra o Movimento. O nosso pessoal já fez a conta e deu mais de 90% a favor do Movimento. Eles dizem: "Graças a Deus, há o MST! Graças a Deus que o Movimento veio para cá, porque senão Abelardo Luz teria falido há muitos anos".

Outra coisa que digo para vocês é que, além do benefício direto, que são a terra, a produção, o alimento, a saúde, a educação, a infraestrutura e a dignidade de vida, há a questão indireta. Muitos daqueles latifúndios de Abelardo Luz e de outros lugares colocaram as suas terras para produzir, arrendaram as suas terras para outros - a maioria dos latifundiários de lá são do Paraná, São Paulo e do Rio de Janeiro -, mas não moram lá e não gastam um centavo, não dão nada de renda para o município com medo das ocupações. Com medo do MST, eles se obrigaram a arrendar as suas terras, aquelas terras passaram a produzir e assim Abelardo Luz passou a ganhar um pouco mais.

Então, isso também merece uma salva de palmas, porque, se não fosse o Movimento, eles não teriam produzido nenhum grão de nada. Eles não

teriam produzido nada, porque lá era 100% improdutivo e abandonado.

(Palmas)

São tantos os exemplos que poderíamos citar e que a mídia não divulga. E muitos que se dizem de esquerda têm preconceito: "Ah, mas o Movimento não é tão bem visto e não sei se cabe essa homenagem na Assembleia Legislativa". Por favor, sr. deputado - e ele não está hoje aqui -, venha falar conosco! Venha se informar! Venha dialogar!

São tantas as emoções e as questões que as compartilhamos com vocês. Eu não poderia deixar de lembrar todos os companheiros e as companheiras que apanharam da polícia, que foram torturados, machucados, perseguidos e assassinados, como o companheiro Olívio Albani. Eu quero uma salva de palmas para todos esses companheiros e essas companheiras que, infelizmente, não estão mais entre nós, mas deixaram o seu legado e exemplo.

(Palmas)

Sabemos reconhecer porque não somos calhordas, imbecis, cretinos. Somos pessoas do bem! Somos brasileiros e brasileiras! Somos pais de família! Em nossas veias corre sangue, que é vermelhinho, como o de qualquer um. O dia que alguém tiver um ferimento e sair sangue azul, informem-nos para sabermos se é um extraterrestre que aqui chegou e da onde veio esse sangue de nobreza. Aqui no Brasil é tudo sangue vermelho, todos são brasileiros e brasileiras! Repito: não somos de outro planeta, não somos extraterrestres! Somos pessoas daqui! O povo que o Movimento organiza para lutar pela terra é brasileiro, é trabalhador, é trabalhadora, com as suas virtudes e seus defeitos. Olham somente os defeitos do sem-terra. Quando o sem-terra está disponível e serve de mão de obra barata para os latifúndios e os patrões, ninguém fala nada, ninguém bota apelido feio nele. Quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra organiza e essa família vem para o Movimento, começa a receber um monte de elogios: baderneiro, vagabundo, cachaceiro e não sei mais o quê. Aí eles nos enchem de apelidos. Acham que isso é bom para nós? Não nos perguntam se isso

machuca, se fere a nossa alma, o nosso sentimento. Machuca e fere, sim, porque somos pessoas do bem, trabalhadoras, pais de família. Nós amamos a terra, natureza e cuidamos das pessoas com todo o respeito. Duvido que em algum lugar haja uma organização de pobres, sofridos, explorados e discriminados que se preocupe tanto com as pessoas.

Olhando para essas cestas que estão aqui, concluo dizendo que temos três grandes missões na nossa luta, historicamente, e que já reafirmamos no último congresso, que discutiu sobre o caráter da reforma agrária popular. E esse é outro passo importante que temos que dar nessa empreitada de continuar lutando pela terra e pela reforma agrária num outro estágio de embate que ela se coloca.

A primeira missão da reforma agrária - e ela serve para todos nós, e continua servindo para quem ainda não praticou, para quem pegou a sua terra e ainda não colocou em prática - é produzir alimentos saudáveis para nós e para o povo brasileiro! Podem aplaudir!

(Palmas)

Os alimentos saudáveis estão ali! Está aqui a prova! Nós queremos produzir alimentos saudáveis, alimentos em abundância, alimentos diversificados. É coisa nossa, é coisa da terra, é coisa boa! Mas não é somente para nós, e sim para todo o povo brasileiro. Não é aquele caso de a horta ser orgânica e o resto encheremos de agrotóxicos. Isso não vale. Esse é um exame que temos que fazer: a crítica e a autocrítica. Senhores, nós, do Movimento, temos o costume de fazer a crítica e a autocrítica. Não é autoflagelo; é a crítica e autocrítica para analisarmos no que estamos errando, ou acertando, para melhorar no passo seguinte.

A segunda grande missão é cuidar da natureza, dos recursos naturais, da água, do solo, da floresta, do ar, de tudo que existe na natureza, porque somos parte dela. Sem ela não somos nada! Muitas vezes, a natureza nos dá tudo de graça e o ser humano, pela ganância do dinheiro e do lucro,

só sabe destruir essa natureza, e ela está dando a resposta com a tal crise hídrica e outras crises que estão por aí - além de outras que ainda virão.

Então, cuidar da natureza, dos recursos naturais e defender esse patrimônio é uma luta estratégica do Brasil e do povo brasileiro. Ela não pode ser somente dos movimentos camponeses, porque se estão apropriando. Não estão explorando a natureza, estão-se apropriando dela. O grande capital está-se apropriando cada vez mais dos recursos naturais: da terra, da água, dos minérios - vejam o caso do nosso pré-sal.

Eu digo a vocês que ficamos felizes, com um sono tranquilo, sossegado, quando estamos com a consciência tranquila e temos nos nossos assentamentos a nossa água, a nossa terra, o nosso pinhão, as nossas frutas. E estamos cuidando daquilo não somente para nós, mas também para os nossos filhos, netos, as gerações futuras e toda a humanidade. Essa é uma luta da humanidade! E até aonde vai essa coisa desenfreada da destruição da natureza, da apropriação, por parte do capital, dos recursos naturais?!

Essa é uma luta, deputado Padre Pedro Baldissera, estratégica, grandiosa e difícil, porque estamos numa situação muito desigual em relação ao modelo hegemônico. Nós sabemos que agora apelidaram o modelo hegemônico de agronegócio. Não falam mais de latifúndio, porque latifúndio pega mal, latifúndio é sinal de fome, miséria, atraso e violência. Então, agora deram um nome bonito: agronegócio, e colocaram o Pelé e outras figuras importantes para fazer a propaganda desse tal de agronegócio. E agora as instituições financeiras públicas estão disputando - e digo isso em tom de denúncia - para ver quem mais apoia o agronegócio. São o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal. Antes era somente o Banco do Brasil - e não tenho nada contra os bancários, muito pelo contrário, pois eles são nossos parceiros de luta a vida toda -, e agora entrou também a Caixa Econômica Federal. Eles estão disputando para ver quem mais apoia o tal do agronegócio, esse modelo de morte, esse modelo

falido, esse modelo para o qual os governantes e até o nosso governo têm dado muito apoio - e parece que agora está repensando, e espero que não seja tarde.

Então, com relação a essa questão dos recursos naturais, quero dizer que temos que defender o que é nosso enquanto há tempo! Depois não adianta chorar pelo leite derramado, não adianta se lamentar. E o Movimento vem alertando, a Via Campesina vem alertando, a Fetraf vem alertando, os movimentos sociais do campo vêm alertando, os quilombolas vêm alertando, os povos indígenas vêm alertando! Vejam o que estão fazendo com os índios no Brasil. Pelo amor de Deus, que vergonha! Em pleno século XXI, ainda não reconhecem a questão indígena. Querem rever a questão dos quilombolas, que são aquelas terras oriundas dos quilombos. Há pessoas da direita querendo derrubar essa conquista mínima.

Nós temos esse legado e carregamos nas costas esse desafio, esse compromisso e essa responsabilidade histórica.

Companheiros, não podemos falhar, não podemos decepcionar, não podemos nos entregar e desanimar. Companheirada que está nos acampamentos lutando pelo seu pedaço de chão, não desanimem! Companheiros assentados, companheiros sindicalistas, companheiros de lutas, não podemos desanimar! Temos que ser fortes, ter brio e coragem, porque não existe no mundo nada mais sagrado e justo do que isto: cuidar da terra, produzir alimentos saudáveis para alimentar a humanidade e cuidar da natureza.

Encerro dizendo a terceira missão, que é cuidar das pessoas. Nunca o ser humano foi tão maltratado. Não sei se estou ficando louco, se estou enxergando outra conjuntura, mas nunca vimos tanto descaso com o ser humano. É um vale tudo em nome do dinheiro, em nome da moda, em nome da fama, em nome não sei mais do quê. Vale tudo!

E nós, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, nos orgulhamos, mas dizemos isso com humildade, porque sabemos que também temos os nossos problemas, as nossas dificuldades, os

nossos pontos fracos, como qualquer outra entidade ou organização os tem. Ninguém é mais ou menos que ninguém.

Mas digo, com toda certeza, pelo o que fazemos, pelo que a nossa organização trabalha, buscando organizar o público para conquistar a sua terra, que é preciso ver a situação de degradação, desprezo, discriminação e abandono em que essas pessoas se encontram, mas quase ninguém fala dessa questão. E o que fazemos, que é resgatar a dignidade humana dessas pessoas - e o Movimento faz isso de maneira singela, simples, modesta, com quase nada de recursos -, é feito com amor e pela causa.

Então, companheiros e companheiras, sabemos que, nesses 30 anos, muito fizemos, muito batalhamos, mas também muito nos frustramos, é verdade. Temos também as frustrações, os nossos desgostos, mas em nenhum momento isso nos tirou dos objetivos que buscamos.

Ao encerrar, gostaríamos de dizer o seguinte: como é bom sonhar. E em nome da nossa Organização, queremos dizer que queremos sonhar um pouco agora. Quem sabe podemos sonhar e projetar mais 30 anos de lutas e conquistas! Será que merecemos? Batam palmas, então.

(Palmas)

Será que nós vamos ter capacidade para isso? O que vocês acham de projetarmos mais 30 anos? Chegamos a 30 anos! Parecia que esses 30 anos nunca iriam chegar, mas já chegamos aos 30 anos. Então, será que projetar mais 30 anos é demais? Não é!

Então, projetemos mais 30 anos de lutas, conquistas e vitórias para o MST, para toda a classe trabalhadora e para todo o povo brasileiro! Viva o povo brasileiro!

Muito obrigado, companheiros e companheiras!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - A partir da manifestação do nosso líder e sempre parlamentar, ex-deputado Vilson Santin, caminhamos para o encerramento desta nossa

sessão especial em homenagem aos 30 anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Ao encerrar, gostaria de me reportar a uma passagem bíblica que me parece oportuna, pelo testemunho e vivência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Eu me lembro sempre de uma passagem, quando uma multidão acompanha Jesus e constata, ao final da tarde, que não há comida para saciar a fome de todos aqueles que estão acompanhando Jesus. Eles estão preocupados em saber aonde vão buscar alimento para dar de comer a toda essa gente! Aí Jesus pede que eles sentem, façam grupos, que o milagre acontecerá. Isso serve para nós. E o MST nos deu o exemplo de que quando nos organizamos, construímos as estratégias para buscar a solução e fazer os enfrentamentos. A luta e a caminhada do MST igualam-se à luta e à caminhada do povo de Deus, que busca a Terra Prometida.

Para nós, vocês são esse grande testemunho de que é através da luta e da organização que a distribuição da terra e dos bens pode acontecer.

Mais uma vez, parabéns a todos e a todas que acreditaram, que acreditam e que continuam alimentando a esperança de que a luta não pode parar. Somente assim estaremos promovendo a justiça que vem e brota de baixo para cima.

Nesse sentido, gostaria de agradecer a presença das autoridades com assento à mesa; dos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; das demais lideranças; dos professores, que participaram dessa nossa homenagem aos 30 anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; e de todos aqueles também que nos acompanharam através da TVAL e da Rádio Alesc Digital.

Agradeço também ao coral da Assembleia Legislativa, que, pacientemente, acompanhou toda a reflexão feita nesta noite e tem engrandecido as nossas sessões com a sua participação; e a todos os funcionários desta Casa, que também ajudaram para que este momento em comemoração aos 30 anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra pudesse acontecer.

Após o encerramento, todos estão convidados para um coquetel no *hall* desta Casa com os produtos da reforma agrária.

Neste momento, teremos a interpretação do Hino de Santa Catarina pelo Coral da Assembleia Legislativa, sob a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à interpretação do hino.)

Antes de encerrar a presente sessão, convocamos outra, ordinária, para amanhã, à hora regimental, com a seguinte Ordem do Dia: matérias em condições regimentais de serem apreciadas pelo Plenário.

Está encerrada a presente sessão.